



## Conselhos sobre a escrita

**Luana Chnaiderman\***

São Paulo, Brasil

almluana@gmail.com

Então deixe-me fazer uma justiça. Outro dia, em um curso, ouvi dizer do livro "sem trama e sem final", como noventa e nove dicas de Tchekhov sobre como escrever bem, divididas em partes como "veracidade" "sentimentos" "personagens" e, ainda, o que evitar. Pois bem, imediatamente encomendei o livrinho e quando ele chegou postei toda contenta que era um livro que eu sempre deveria ter tido, mas só agora tinha.

Eis que meu bom amigo Gutemberg Medeiros (um amigo herdado do meu avô), e como são preciosos os bons amigos, me deu um puxão de orelha e me alertou: há um livro infinitamente melhor que esse, Dona Luana, da Sophia, que foi orientanda do seu avô, *A. P. Tchekhov: cartas para uma poética*. Procure em sebos que nem seu tempo nem seus tostões serão perdidos.

E acontece que eu me lembro da Sophia, com muito carinho e lembro do carinho que todos da família tinham por ela, porque as orientandas, os orientandos são como pessoas da família, às vezes, e lembro da morte triste e prematura dela e da melancolia do meu avô e de todos me contando. Sophia era uma adulta muito legal que toda vez nos visitava trazia para mim chocolates brancos e um sorriso. E o livro dela eu tenho, sempre tive, na minha estante mesmo e olha como é a vida: nunca tinha dado bola.

Então fiz minha lição de casa e fui prestar atenção.

Os noventa e nove conselhos de escrita nunca foram organizados nem escritos dessa maneira pelo próprio Tchekhov que, entretanto, era um escritor voraz de cartas e, nas cartas, discorria muito sobre escrita. Então, o rapaz italiano chamado Piero Brunello pegou as anotações e os fichamentos que fez das cartas, separou os trechos que falavam diretamente da escrita e os organizou assim, em um livro de conselhos.

Gutemberg tem razão.

Para os que se animaram com os noventa e nove conselhos, aconselho também que os deixem um pouco de lado e vão atrás das cartas inteiras, que a Sophia, que agora tem outra imagem e corpo para mim, estudou, traduziu e colocou na íntegra, ou quase, no livro que o Guta me indicou e que sempre morou ao meu lado. E isso tem também a ver com escrita literária, quando se tira de uma carta só a parte do conselho, da frase

---

\* Escritora, professora e Mestre em Letras pelo Programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica da Universidade de São Paulo.



mais imperativa, cheia de sabedoria e de verdade, perde-se o comentário sobre o tio, o café, a personalidade do irmão... perde-se toda a construção. E aí é que está o sabor.

Então, como o texto já está longo de qualquer maneira, transcrevo aqui, para a apreciação geral daqueles que assim quiserem, a carta que Tchekhov escreveu a seu irmão, Alksandr, em Moscou, 20 de fevereiro de 1883:

[...] Começarei pela forma da tua carta. Lembro-me de como você caçoava dos manifestos de nosso tio... Era de si próprio que você caçoava. Teus manifestos rivalizavam com os de nosso tio em pieguice. Neles há tudo: "estreite os braços"... "chagas de alma"... Falta apenas você se derramar em lágrimas... Se formos acreditar nas cartas de titio, ele, o tio, já há muito tempo deve ter se esvaído em lágrimas (província!)... Você lacrimeja do começo ao fim da carta... Em todas as suas cartas, aliás, em todas as suas obras... Chega-se a pensar que você e nosso tio são feitos apenas de glândulas lacrimais. Não estou caçoando, não estou fazendo graça. [...] Eu não teria tocado nessa lacrimosidade, nesse arfar de alegria e dor, nessas chagas da alma etc., se elas não fossem tão inoportunas e nocivas. [...] Também nas suas obras, você dá muita ênfase à miuçalha... No entanto, você não nasceu para ser um escrevinhador subjetivo... Isso não é inato, e sim adquirido... renunciar à subjetividade adquirida é tão fácil quanto aprender o bê-á-bá... é suficiente ser apenas um pouco mais honesto: colocar-se à margem de tudo, não se enfiar nos heróis do romance, renunciar a si próprio nem que seja por meia hora. Você tem um conto em que um jovem casal se beija, geme, chove no molhado durante todo o almoço... Nenhuma palavra sensata, mas tão somente uma beatitude! Você não escreveu para o leitor... Escreveu porque essa lengalenga te dá prazer. Descreva o almoço, de que maneira eles comeram, o que comeram, como é a cozinheira, como é vulgar o teu herói, satisfeito com sua felicidade indolente, como é vulgar tua heroína, como ela é ridícula em seu amor por esse ganso bem alimentado e empanturrado, envolvido num guardanapo... Todos gostam de ver pessoas bem alimentadas e satisfeitas – isso é verdade, mas para descrevê-las, não basta contar o que elas falaram e quantas vezes se beijaram... É necessário algo mais, é necessário rejeitar aquela impressão particular que a felicidade açucarada causa nas pessoas não exacerbadas... a subjetividade é uma coisa horrível. Ela já é ruim só pelo fato de denunciar o pobre autor da cabeça aos pés. Aposto que toda mulher de Pope ou de escrivão que leu tua obra é apaixonada por você. E se você fosse alemão, beberia cerveja de graça em todas as cervejarias em que há alemães trabalhando. Se não fosse essa subjetividade, esse choramingar, você daria um artista de altíssimo rendimento. Você sabe rir, zombar, ridicularizar tão bem, você tem um estilo tão redondinho,



## *Arquivo Maaravi*

*Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*  
ISSN: 1982-3053

passou por tanta coisa, viu tanto... Ora! O material está se perdendo à toa.

-----

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/05/2021.